

## Efeitos mortais

Em *F/X*, mistério com truques de cinema

**D**e tanto assistir a filmes americanos com efeitos especiais, o diretor Robert Mandel resolveu usá-los como tema em *F/X-Assassinato sem Morte* (*F/X*, Estados Unidos, 1986), em cartaz em São Paulo. Nele, o ator australiano Bryan Brown interpreta Rollie, um técnico em ilusões cinematográficas contratado por dois agentes do Departamento de Recadastramento de Testemunhas para montar um assassinato fictício de um chefe da Máfia. Depois de concluído o trabalho, Rollie passa a ser perseguido pelos próprios agentes da Justiça, que queriam simular a morte do mafioso (Jerry Orbach) apenas para dividir com ele o dinheiro depositado em bancos suíços.

*F/X* (*F/X* é o nome da empresa de efeitos especiais de Rollie) parte de uma boa idéia e melhora ainda mais quando entra em cena o policial Leo (representado pelo ótimo Brian Dennehy), disposto a desvendar toda a verdade do caso. No terço final do filme, porém, a enorme quantidade de ações, transcorridas num tempo exíguo, prejudica o encadeamento das seqüências e compromete o impacto das melhores cenas. Além disso, os efeitos especiais são poucos demais para o que se poderia esperar de um filme sobre o assunto.

Enquanto filme policial, *F/X* combina algumas inteligentes doses de humor e um tipo de suspense decalcado na obra de Hitchcock — o do herói que vira vítima. O tema central abordado por Robert Mandel — o da comparação entre a violência artificial e a real — não é completamente atingido. Mas nem por isso *F/X* deixa de ser atraente, apresentando alguns bons sustos.

LINA DE ALBUQUERQUE



Brown (à esq.): disfarces do herói caçado



GAMMA/SIGLA

Audrey Landers (de rosa), em *Chorus Line*: as vantagens da cirurgia plástica

## Cinema

### Erro de cálculo

*Chorus Line*, um musical sem o calor do palco

**H**á obras de arte tão bem-sucedidas em sua forma original que tornam inviável qualquer adaptação ou transposição para outro veículo. O escritor colombiano Gabriel García Márquez, por exemplo, se recusa a autorizar a filmagem de *Cem Anos de Solidão* por acreditar que qualquer adaptação reduziria a força do romance. Com *Chorus Line — Em Busca da Fama* (*A Chorus Line*, Estados Unidos, 1985), de Richard Attenborough, que estréia em São Paulo nesta quinta-feira, acontece exatamente o oposto. Attenborough, diretor de *Gandhi*, quis ampliar a abrangência da obra original, que se restringia a mostrar como vive um grupo de jovens dançarinos, e acabou fazendo um filme que peca pelo excesso de intenções. Ao tentar dar uma dinâmica cinematográfica à peça, *Chorus Line* enche a tela com cortes bruscos e inusitados ângulos de câmara que só servem para dispersar a atenção do espectador interessado em acompanhar a coreografia.

O filme conta a história de um diretor que faz a seleção para o coro do seu próximo musical. Centenas de candidatos se apresentam e vão sendo cortados até sobram os oito que farão o espetáculo. A seleção é feita através de seqüências dançadas, em que os candidatos precisam, em poucos minutos, mostrar toda a sua capacidade. Aí aparece o primeiro defeito do filme. Ape-

sar dos grandes saltos e do violento exercício físico, ele é pasteurizado a ponto de os bailarinos quase não suarem, parecendo sempre estar saindo de um banho. Outro ponto crucial do filme é a relação amorosa do diretor — vivido por um Michael Douglas forçando as caretas com boca torcida para mostrar que é durão — com uma das candidatas, que o tinha abandonado para tentar a sorte em Hollywood.

**SEQÜÊNCIA VIBRANTE** — Para os fãs de musicais, porém, *Chorus Line* reserva alguns bons momentos. A abertura, com centenas de bailarinos enchendo o palco com piruetas e saltos alucinantes, é muito boa. Attenborough está à vontade com multidões e cria uma seqüência que se lembra o início de *All That Jazz — O Show Deve Continuar* nem por isso é menos vibrante. Pena que a vibração só volte no final, e em algumas seqüências de canto e dança, graças à qualidade dos atores. A melhor delas é a de Audrey Landers, que vive uma garota decidida a mudar seu visual, pois é sempre reprovada nos testes, apesar de excelente dançarina. Depois de duas cirurgias plásticas, ela canta e dança as excelências do silicone. Para os interessados na história do musical americano é bom ver Nicole Fosse — filha do diretor e coreógrafo Bob Fosse e da bailarina Gwen Verdon —, que vive a recém-casada tímida e nervosa, mostrando-se capaz de continuar a tradição da família.

JOÃO CANDIDO GALVÃO